



Helcio Toth

Começa um novo tempo

Antonio Manoel dos Santos Silva assume a Reitoria, com a missão de levar a Universidade rumo ao século XXI

Págs. 6 e 7



Arquivo pessoal



Monica Richier

Ouviu falar?

O diagnóstico precoce da surdez em bebês. Pág. 5

Educação de vanguarda

A experiência pioneira de Carolina Florence. Pág. 9

Traficantes de drogas chegam aos bóias-frias. Pág. 12

Integração acadêmica no Mercosul

NEIDE SOUZA LEHFELD



O fenômeno de integração econômica do Mercosul através de acordos bilaterais e regionais nos conduz, necessariamente, à reflexão sobre o papel das Universidades neste processo. As instituições responsáveis

pela formação de recursos humanos, pesquisa, produção em desenvolvimento científico e tecnológico, constituem-se em recursos fundamentais. Assim, com o Mercosul, as universidades deverão reestudar seus currículos de graduação e pós-graduação no sentido de maior aproximação e equivalência dos títulos nos países integrantes, sabendo-se de antemão que os nossos sistemas educacionais, nestes dois níveis, são valorizados como os melhores a serem seguidos neste processo.

Partindo destas preocupações é que planejamos, desde o ano passado, e operacionalizamos, no período de 27 de outubro a 2 de novembro, um projeto de visitas e de trabalhos em três universidades públicas da Argentina, visando a integração, cooperação e intercâmbios.

O que diferencia e valoriza nossa realização é a aproximação aos centros de excelência destas universidades, nas áreas de Humanidades, as quais são de nosso interesse para o desenvolvimento dos nossos Programas de Pós-Graduação — História, Direito e Serviço Social.

Muitos convênios efetivados pelas universidades ficam no papel como letra morta por não conseguirem dar-lhes um conteúdo mais orgânico, que atenda aos reais interesses e demandas das partes acordadas. A experiência por nós vivenciada nos dias que estivemos em trabalho nas universidades serviu para fortalecer o propósito de se resguardar o sentido institucional e de globalização dos convênios obtidos. Isto é, apesar de constituirmos um grupo de docentes pesquisadores da Faculdade de História, Direito e Serviço Social do câmpus de Franca, não ficamos restritos aos interesses de nossa unidade ou dos respectivos cursos, mas sim, apontamos potencialidades e oportunidades, em nível de pós-graduação da universidade como um todo.

Nas universidades visitadas de Mar Del Plata, Tandil e La Plata caminhamos do formal, do protocolar ao trabalho informal, com longas reuniões. Fomos recebidos pelos reitores e pelas autoridades responsáveis pelas áreas técnico-administrativa, acadêmica e de pós-graduação. Nos encontros com a cúpula das universidades discutimos minutas de intenções que serão agora formalizadas como convênios após a tramitação burocrática da nossa universidade. Nas reuniões de trabalho com as direções das áreas de Humanidades e chefias dos cursos, nas três universidades, chegamos à elaboração de agendas que expressam as propostas de ação para pôr em marcha o processo integrativo desejado.

Na realidade, sentimos, nos dois dias que permanecemos em cada universidade argentina, que há um forte interesse e preocupação, frente ao Mercosul, de se estreitar os laços com o nosso País já que, historicamente, estas

universidades estavam mais direcionadas a intercâmbios para formação de recursos humanos com institutos e universidades européias e americanas.

Foram dias de trabalho intenso, de reuniões seguidas, além da realização de mesas-redondas e palestras a docentes e discentes destas instituições. A receptividade, o interesse e a seriedade no encaminhamento das programações elaboradas previamente foram gratificantes, delineando-se programas de avaliação dos cursos de graduação, pós-graduação, de publicações conjuntas, além de grande motivação para a socialização de experiências, principalmente as relacionadas a revisões curriculares, guardando-se suas especificidades regionais mas voltadas à capacitação profissional para um mercado comum de trabalho.

Na Universidade Nacional do Centro da Província de Buenos Aires, em Tandil, o professor Doutor Héctor Luís Saint-Pierre proferiu a palestra "A universidade pública frente ao desafio da globalização" a docentes e alunos. Nas reuniões gerais, em que participavam todos os representantes da estrutura política das universidades dos níveis docente e discente, tivemos como procedimento comum uma fala geral introdutória pela direção do

câmpus de Franca, em seguida a apresentação de vídeo institucional do aniversário dos vinte anos da UNESP, para depois os coordenadores dos programas de pós-graduação fazerem suas participações, indicando a evolução histórica dos programas, as áreas de concentração, as linhas de pesquisa e o atual grau de desenvolvimento dos cursos.

Como afirmou Clarissa Baeta Neves, "as regras do desenvolvimento científico se confundem, em boa medida, com as regras de funcionamento de um bom sistema universitário". Complementaríamos dizendo que a instituição universitária possui como peculiaridade a internacionalidade da produção de conhecimento, na cooperação e intercâmbio técnico-científico. A noção fundamental é desenvolver ações não competitivas que conjuguem o desenvolvimento, mas preservando-se as diferentes identidades universitárias.

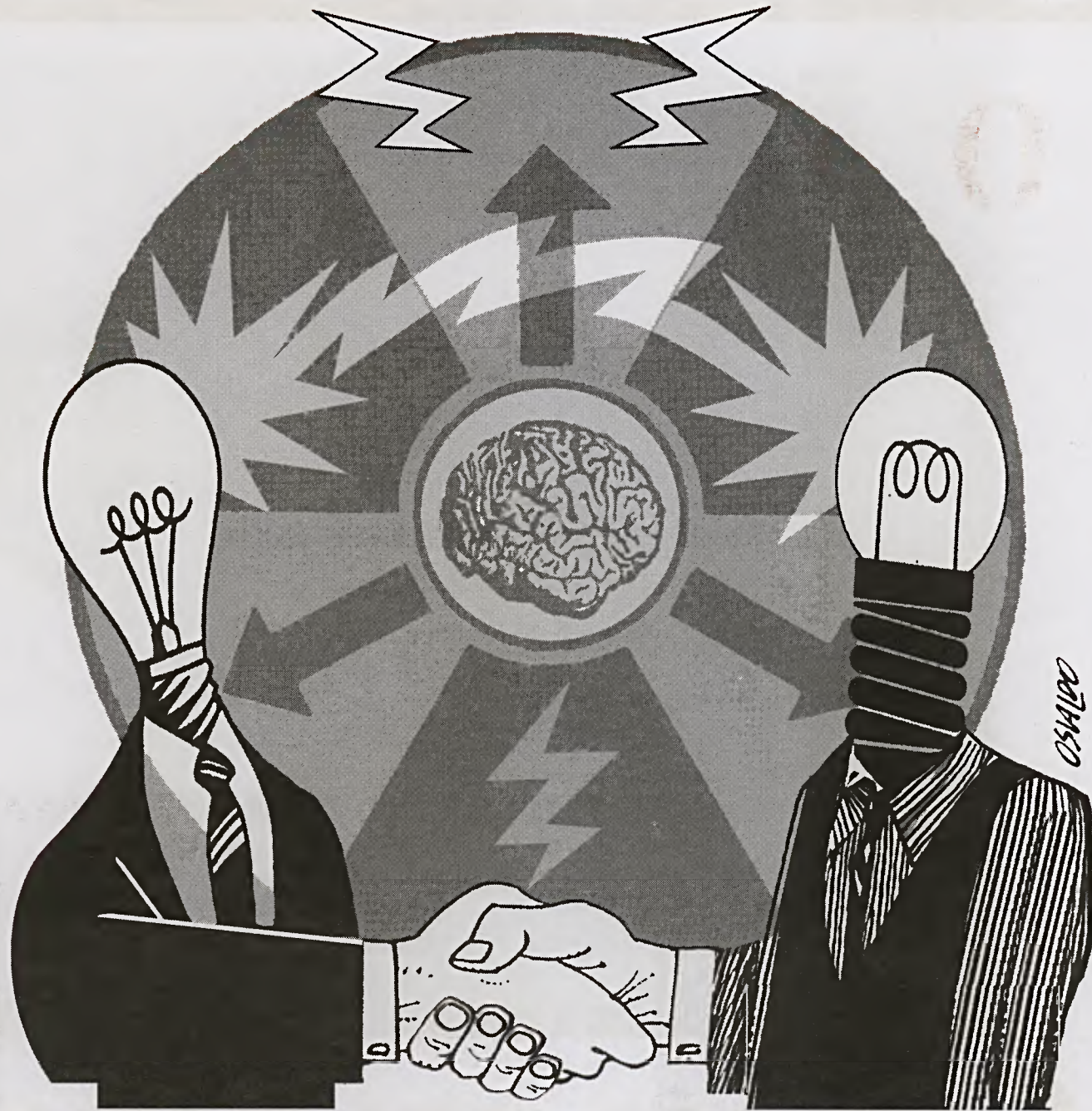
Podemos afirmar que nossos objetivos foram alcançados e retornamos com a bagagem vazia de publicações e documentos que levamos para oferecer nos encontros programados, mas completa e pesada de possibilidades de entrosamento de grupos de pesquisadores e de intercâmbios diversos, além dos documentos aí formalizados.

A importância desse projeto residiu, exata-

mente, no desencadear de um processo de criação e de manutenção de laços acadêmicos, técnico-científicos e pessoais com os componentes destas universidades públicas do bloco Mercosul. Ao lado disso, constatamos ainda, mais uma vez, que temos, em muitas áreas, um nível de excelência e que estamos mais adiantados em relação ao estudo e tratamento de muitas questões do sistema do ensino superior dentro do contexto dos países do Terceiro Mundo.

Finalmente, acreditamos ter dado um passo significativo para a implementação deste processo de cooperação de sistemas universitários, que prevê a possibilidade de fortalecimento dos mesmos e a definição de políticas de atuação que poderão tornar-se avanços do processo de formação do Mercosul Acadêmico. Este, muito mais amplo que acordos entre níveis determinados de ensino, mas voltado para um conjunto de ações integrativas possíveis e desejáveis, caracterizado pelo reconhecimento das diferenças e voltado basicamente a tarefas comuns e solidárias.

Neide Souza Lehfeld é diretora da Faculdade de História, Direito e Serviço Social do câmpus de Franca e professora de Teoria da Administração no Departamento de Serviço Social.



unesp

Reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva
Vice-reitor: Luis Roberto de Toledo Ramalho
Pró-reitor de Administração: José Carlos Souza Trindade
Pró-reitora de Graduação: Maria Aparecida Viggiani Bicudo
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: José Ribeiro Júnior
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Vagner José Oliva
Secretário Geral: Darvin Beig
Diretores das Unidades Universitárias: João César Bedran de Castro (FO-Araçatuba),

Francisco Miguel Belda Neto (FCF-Araraquara), Wellington Dinelli (FO-Araraquara), Telmo Correia Arrais (FCL-Araraquara), José Roberto Ernandes (IQ-Araraquara), Antônio Quelce Salgado (FCL-Assis), Cleide Santos Costa Biancardi (FAAC-Bauru), Jehud Bortolozzi (FC-Bauru), Ivan de Domenico Valarelli (FET-Bauru), Ricardo Antônio de Arruda Veiga (FCA-Botucatu), Luiz Antônio Vane (FM-Botucatu), Luís Antônio Toledo (IB-Botucatu), Frederico Ozanam Papa (FMVZ-Botucatu), Neide Aparecida de Souza Lehfeld (FHDSS-Franca), Fernando Augusto Silva Marins (FE-Guaratinguetá), Laurence Duarte Colvara (FE-Ilha Solteira), Júlio César Durigan (FCAV-Jaboticabal), Antônio Geraldo de Aguiar (FFC-Marília), Alvanir de Figueiredo (FCT-Presidente

Prudente), Osvaldo Aulino da Silva (IB-Rio Claro), Marcos Aurélio F. de Oliveira (IGCE-Rio Claro), Wilson Maurício Tadini (Ibilce-São José do Rio Preto), José Eduardo Junho de Araújo (FO-São José dos Campos) e Regina Coeli Guedes de Souza Pinto (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP

Editor chefe: José Roberto Ferreira
Editor: Paulo Velloso
Redação: Evanildo da Silveira, Tânia Belickas e Waltair Martão
Editor de Arte: Celso Pupo
Edit. Eletrônica: Paulo Nunes Rocha
Fotografia: Monica Richter
Colaboraram nesta edição: Oscar D'Ambrosio (texto); Helcio Toth e Vicente Sampalo

(fotografia); e Baptistão, Osvaldo e Paulo Zilberman (ilustração)
Produção: Mara R. Marcato e Patrícia do Carmo
Revisão: Maria Luíza Simões
Pesquisa: Dedoc/Abril
Tiragem: 25.000 exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa. A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte. **Endereço:** Alameda Santos, 647, 13º andar, CEP 01419-001, São Paulo, SP. Telefone (011) 252-0323 e 252-0327. Fax (011) 252-0207. **Fotolito e Impressão:** IMESP

Novo orçamento é recorde

O valor, no entanto, deverá ser insuficiente para atender à demanda da Universidade

O orçamento previsto para a UNESP em 1997, exatos R\$ 433.249.258,00, é o maior de sua história, em valores reais. O valor foi determinado com base na programação orçamentária do Estado de São Paulo, enviada pelo governador Mário Covas à Assembléia Legislativa, em setembro passado, tendo como referência o texto da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) de 1996. Foram alocados R\$ 1.589 milhões às universidades estaduais paulistas, como recursos do tesouro, provenientes da previsão de arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços, ICMS (R\$ 17.060 milhões). A Proposta Orçamentária da Universidade para este ano foi referendada em reunião extraordinária do Conselho Universitário (CO), no dia 12 de dezembro, a última de 1996. Ela foi elaborada pelo Conselho de Administração e Desenvolvimento (CADE) e Assessoria de Planejamento e Orçamento (APLO).

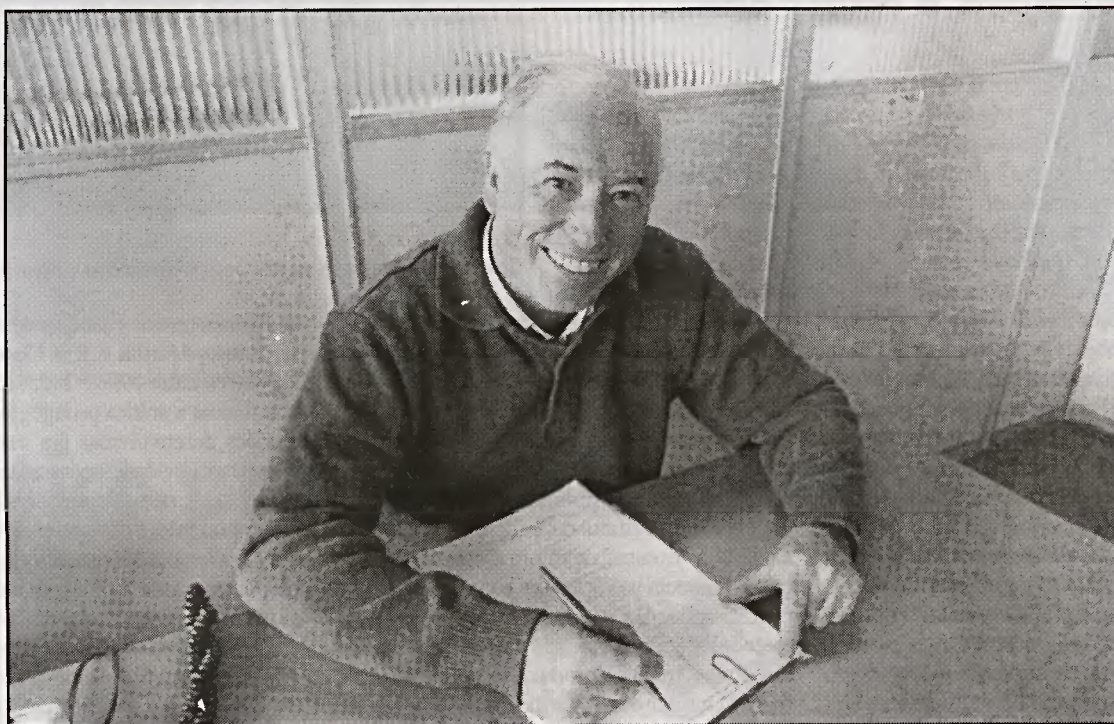
O novo orçamento ultrapassa R\$ 41 milhões a dotação inicial de 1996, até então considerada recorde (veja quadro comparativo). Esse aumento tornou-se possível com o fim da limitação do percentual global de 9,57% do ICMS para as universidades ao valor arrecadado em 1995. Se houvesse crescimento de arrecadação, os 9,57% incidiriam apenas sobre 25% deste aumento. Ou seja, agora as universidades podem receber o repasse integral do ICMS, sem o teto orçamentário em vigor anteriormente. Além disso, no final de dezembro passado, a Assembléia Legislativa aprovou um ressarcimento à Universidade de outros R\$ 17 milhões, como compensação pela desoneração das exportações, consumo de energia elétrica e bens ativos do ICMS. Devem ser liberados ainda pelo Governo mais R\$ 3 milhões, destinados à construção de um novo câmpus em Franca, de acordo com emenda do deputado Roberto Engler, aprovada pela Assembléia Legislativa no final de dezembro.

POUCA COMEMORAÇÃO

Essa conquista, obtida graças à mobilização dos reitores das três universidades estaduais e do fórum das seis, que reúne representantes de docentes e funcionários da UNESP, USP e Unicamp, junto aos deputados da Assembléia Legislativa, deve, porém, ser comemorada com cautela. Presidindo a sessão do CO, ainda como reitor, Arthur Roquete de Macedo lembrou que o orçamento da UNESP é comparável ao das maiores universidades americanas, mas nem por isso pode ser considerado suficiente. "A Universidade tem crescido muito nestes anos, e o orçamento, infelizmente, não acompanhou este salto", declarou.

Por conta da limitação de recursos em 1996 — o ICMS arrecadado pelo Estado foi R\$ 1,4 bilhão menor que o estimado —, o orçamento para 1997 será onerado logo de início em torno de R\$ 25 milhões, referentes à folha de pagamento de dezembro de 1996. Isso reduz para R\$ 321 milhões os recursos disponíveis para despesas com pessoal, que já prevêem, inclusive, o dissídio de maio. Com relação aos R\$ 17 milhões, a APLO prefere não contar com esta verba, uma vez que não se sabe ainda como o Governo do Estado repassará os recursos financeiros para as universidades.

Ainda em 1997 está prevista uma operação de crédito junto à agência oficial alemã Hermes Kreditversicherungs, como parte de um projeto de aquisição de equipamentos didáticos para todas as unidades da UNESP. A primeira fase desse projeto custará R\$ 9.800 mil, sendo orça-



VERBAS
Dinelli: em busca de alternativas para reforçar os cofres

Proposta de distribuição inicial da comissão de orçamento do CADE

Discriminação	Dotação Inicial/96 ¹ Valor/R\$ 1.000	partic. %	Dotação Inicial/ 97 ² Valor/ R\$ 1.000	partic. %
1. Receita Prevista	381.926	100,0	413.099	100,0
1.1 Quota Parte do ICMS/ Líquido (2,3447%)	371.772	97,3	389.334	94,2
1.2 Extra Limite	300	0,1	—	—
1.3 Receita Própria	9.854	2,6	19.600	4,7
1.4 Operação de Crédito	—	—	4.165	1,1
2. Despesa Prevista	381.926	100,0	413.099	100,0
2.1 Pessoal e Reflexos	310.404	81,3	345.000	83,5
2.2 Desp. Custeio	45.000	11,8	50.000	12,1
2.3 Sentenças Judiciais	17.228	4,5	5.067	1,2
2.4 Investimento	6.294	1,6	8.743	2,1
2.5 Desp. Dívida	3.000	0,8	4.289	1,1

¹ Até dezembro/96, estimava-se uma receita de R\$ 375.584 mil e uma despesa de R\$ 418.354 mil.

² Não constam R\$ 17.150 mil da desoneração fiscal e R\$ 3 milhões destinados ao câmpus de Franca.

do para este ano um gasto de R\$ 4.900 mil. Este valor está consignado no item "Investimentos", sendo que a Universidade acertou sua participação com uma contrapartida de R\$ 735 mil.

Um item difícil de ser modificado são as despesas com sentenças judiciais, que somam um total de R\$ 5.067 mil. Este valor já está determinado pelo Poder Judiciário e não é possível sua redução. As despesas com dívidas (Banespa e Banco do Brasil) são estimativas de desembolso financeiro no decorrer do ano referente apenas aos antigos contratos de compra de equipamentos. As outras despesas correntes, no valor de R\$ 50 milhões, fazem parte do restante que irá completar o orçamento previsto.

POUCA INVESTIMENTO

Por conta destas limitações, prevê-se que o investimento em novas obras está comprometido. A construção de bibliotecas e a informatização da UNESP, entre outros projetos em andamento, porém, deverão ser concluídas. O mesmo acontece com os novos projetos em discussão na Universidade, casos do plano de saúde e plano de carreira para funcionários técnico-administrativos. "A aprovação de um plano de carreira não garante que ele possa ser imediatamente implantado, uma vez que estaremos dependendo de recursos que podem ou não ser aportados", avisou na reunião do CO Antonio Manoel dos Santos Silva, então o vice-reitor da UNESP.

Com a limitação de recursos da Universidade para o investimento em novas obras, cabe às unidades buscar verbas próprias. A Faculdade de Odontologia (FO) do câmpus de Araraquara, por exemplo, concluiu no último ano reformas no setor de pós-graduação, na biblioteca e na montagem de seu Centro de Pesquisas em Biometria. Para isso, a faculdade tem contado com recursos provenientes de programas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), da parceria com empresas como a Colgate/Kolynos, do repasse de recursos do Sistema Único de Saúde (SUS) e de sua Fundação Araraquense de Ensino e Pesquisa em Odontologia (Faepo). "Nós, diretores, também temos que arregaçar as mangas e não depender apenas do repasse de verbas da Reitoria", assinala Wellingtom Dinelli, diretor da FO.

Waltair Martão



LANÇAMENTO

Base do ensino

Prograd publica reflexões para o educador

Empenhada em melhorar a formação de professores de primeiro e segundo graus, a UNESP colocou à disposição do público uma série de livros dirigidos ao segmento. *Formação do Educador*, coleção em três volumes, traz uma série de reflexões de renomados especialistas de universidades brasileiras sobre o papel do Estado e da universidade no processo de formação de educadores. Outra obra com os mesmos objetivos, *Núcleos de Ensino: um projeto de educação continuada*, refere-se à atuação da UNESP junto aos docentes da rede pública. As publicações, lançadas simultaneamente no último dia 14 de janeiro, na Reitoria, em São Paulo, pela Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), com tiragem inicial de 2 mil exemplares, são resultado das atividades que vêm sendo realizadas pelo órgão com o propósito de melhorar a qualidade da rede fundamental de ensino.

“A Prograd tem se esforçado para manter programas destinados à formação do professor por intermédio de publicações, de assessorias, de pesquisas em parceria com as escolas, de cursos de extensão e de aperfeiçoamento de professores”, destacou, na ocasião, a professora Maria Aparecida Viggiani Bicudo, pró-reitora de Graduação. O lançamento dos livros reuniu professores de diferentes câmpus da UNESP e autores dos textos, além de convidados ligados à área de Educação.

A coleção *Formação do Educador*, organi-

zada por Maria Bicudo e pelo professor Celestino Alves da Silva Júnior, assessor da Prograd, reúne 36 textos apresentados por professores e especialistas em Educação durante o IV Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores. O evento, realizado em maio de 1996, em Águas de São Pedro, teve como tema “Formação do educador: dever do Estado, tarefa da universidade”. “Essa temática é de maior relevância, hoje, na área de Educação”, ressaltou a pró-reitora. Para Miriam Celf Pimentel Foresti, docente do Instituto de Biociências (IB) do câmpus de Botucatu e autora do texto “Educação à distância na formação continuada de docentes: reflexões em torno de uma proposta metodológica”, é fundamental a socialização dos conhecimentos produzidos pela Universidade. “Durante o seminário, discuti a utilização da hiperídia como alternativa de educação continuada para professores universitários sem formação pedagógica”, exemplificou. “Este é um assunto ainda novo em nossa área.”

“BELO TRABALHO”

A publicação *Núcleos de Ensino* relata experiências de integração entre professores dos três níveis de ensino e docentes e alunos dos cursos

de licenciatura dos câmpus de Assis, Araraquara, Bauru, Marília e Rio Claro. Essa parceria aconteceu entre 1993 e 1995, com o objetivo de aperfeiçoar a prática pedagógica. “As pesquisas e ações desenvolvidas por esses núcleos, que têm suas atividades centradas nos problemas vivenciados pelos professores na sala de aula, são importantes e devem ser divulgadas”, ressaltou a professora Maristela Veloso Campos Bernardo, assessora da Prograd e uma das responsáveis pela organização do livro. Doutoranda em Lingüística e Língua Portuguesa, Maria Augusta Ribeiro, docente do Instituto de Biociências (IB) do câmpus de Rio Claro, ficou emocionada com o lançamento da obra. “Os núcleos realizam um belo trabalho ao iniciar o professor da rede pública na área de pesquisa”, afirmou. “Este, por sua vez, traz de concreto, para os pesquisadores, problemas na área de ensino que precisam ser superados.” Maria Augusta coordenou, no núcleo de Rio Claro, uma pesquisa sobre a temática ambiental e o processo educativo.

AUTÓGRAFOS

Coordenadores e autores: primeiro e segundo graus]



Monica Richer

RESUMO

EDUCAÇÃO ESCOLAR

O Conselho Universitário aprovou, no último dia 12 de dezembro, a criação e implantação, na Faculdade de Ciências e Letras (FCL) do câmpus de Araraquara, do curso de Pós-Graduação em Educação Escolar, uma área inédita no Brasil. As aulas começarão no segundo semestre de 1997 e terão como eixos temáticos Política e Gestão Educacional e Trabalho Educativo. As linhas de pesquisa são sete: Estado, Política e Educação; Gestão Educacional; Educação do Professor; Trabalho Docente; Ensino dos Conteúdos Escolares; Epistemologia do Trabalho Educativo; e Contribuição Psicológica ao Trabalho Educativo. “Os cursos de pós-graduação em Educação não contemplam diretamente a área escolar e os alunos interessados têm que fazer especializações à parte”, explica Alda Junqueira Marin, vice-diretora da FCL e uma das responsáveis pela criação do curso. As inscrições devem se iniciar em maio. Haverá 35 vagas para mestrado e 10 para doutorado. Informações pelo tel. (016) 232-0444, setor de pós-graduação.

PRÊMIO EM ORTODONTIA

Todos os anos, os alunos do curso de pós-graduação do Departamento de Ortodontia Baylor College of Dentistry, de Dallas, importante instituição americana de ensino de Odontologia, elege o melhor professor do ano em seu departamento. Em 1995, o prêmio Robert Gaylord, representado por um diploma e uma placa na faculdade, foi para o ortodontista Joel Claudio da Rosa Martins, atual chefe do Departamento de Clínica Infantil da Faculdade de Odontologia (FO) do câmpus de Araraquara, o primeiro estrangeiro a receber a honra. Martins passou dois anos, entre 1993 e 1995, naquela faculdade, como professor convidado, ministrando aulas nos cursos de graduação e pós-graduação. Sua performance abriu as portas da Baylor para outros membros da FO. É o caso dos professores Ari dos Santos Pinto e Lourdes Martins dos Santos Pinto, também da Clínica Infantil, que nos próximos dois anos integrarão o corpo docente da faculdade americana. “É um reconhecimento à qualidade do professor brasileiro, que não fica nada a dever aos mais renomados profissionais do exterior”, salienta Martins.

CIDADANIA

Na tentativa de promover uma parceria entre a UNESP e as políticas de administração pública do município de Franca, no que diz respeito à cidadania e às questões sociais, o Núcleo de Estudos dos Direitos do Homem, Cultura e Cidadania do Centro Jurídico da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS) promoveu, no dia 4 de novembro último, a Noite da Cidadania. Alunos do curso de Direito apresentaram trabalhos sobre o idoso, preconceitos raciais, Direito Penal, menor abandonado, prostituição infantil, assistência médica no campo e trabalho da criança e do adolescente, entre outros temas. “Abordamos a realidade social de Franca à luz das garantias fundamentais da cidadania, julgando-a objetivamente e fazendo uma crítica constante à situação atual, apresentando soluções práticas para mudá-la”, explicou Carlos Aurélio Mota de Souza, coordenador do núcleo. A solenidade compareceram, além de professores e alunos da FHDSS, o prefeito de Franca, Gilmar Dominici, vereadores e outras autoridades da cidade.

SINTUNESP

A Faculdade de Ciências e Letras (FCL) do câmpus de Araraquara sediará, entre os dias 28 de fevereiro e 2 de março, o IV Congresso do Sindicato dos Trabalhadores da UNESP (Sintunesp). O evento pretende debater desde a conjuntura nacional até os problemas específicos da categoria, passando por um balanço da atuação do sindicato no último período. “Vamos incentivar, antes mesmo do congresso, a realização de reuniões em assembleias nos câmpus para estarmos bem preparados para as discussões”, afirma Maria Augusta Paulino Leite, coordenadora financeira do Sintunesp. Estão programados debates sobre vários temas, como a conjuntura nacional, o movimento sindical, o plano de lutas e a revisão estatutária. Os interessados têm até o dia 7 de fevereiro para enviar teses e contribuições sobre os temas do congresso. Maiores informações poderão ser obtidas na subseção do Sintunesp de Botucatu, tel. (014) 822-5588.

VIDEOTECA DE VENENOS

A UNESP lançou, no último dia 18 de dezembro, na Reitoria, uma série inédita de 19 fitas de vídeo sobre animais e plantas venenosas. A coleção, produzida pela TBR, de Bauru, é patrocinada pela Unimed do Brasil, que se responsabilizará pela distribuição gratuita nas 80 faculdades de Medicina do País e nas suas 329 cooperativas médicas afiliadas. A coordenação da obra está a cargo do Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos (Cevap), unidade complementar do câmpus de Botucatu. “Metade dos médicos se forma com pouquíssimas informações sobre este assunto”, comentou Benedito Barraviera, diretor do Cevap. “Estamos contribuindo até mesmo para a diminuição dos óbitos por acidentes com animais peçonhentos”, destacou Edmundo Castilho, presidente da Unimed. Até o momento, foram produzidas três fitas sobre cobras, aranhas e escorpões. Espera-se que, em um ano e meio, toda a coleção esteja pronta. “O projeto prevê ainda, para o futuro, o acesso às fitas por parte de escolas e do público em geral”, assegura Willians Cerrose Balan, diretor geral da TBR.

CALOUROS

Tudo pelo social

Trote, este ano, terá funções sociais

Os calouros das três universidades estaduais paulistas terão, este ano, uma recepção diferente esperando por eles no início das aulas. Longe dos tempos em que, além da tensão normal de pisar o terreno desconhecido de uma universidade, muitas vezes numa cidade estranha, eles tinham ainda que enfrentar um verdadeiro corredor polonês, sofrendo toda a sorte de humilhações e, muitas vezes, a franca violência, os “bichos” se defrontarão, nos câmpus da UNESP, USP e Unicamp, com o que os DCEs das três entidades estão chamando de “Trote Social”. A idéia partiu do Diretório Central dos Estudantes da UNESP, e logo foi aceita pelas outras duas agremiações. “A gente vem lutando contra o trote violento desde 1992”, lembra Elisabete



Felha Imagem/LC: Muraukas

BICHO Brincadeiras, sem violência

Geraldini, 23 anos, quartanista de Educação Artística do Instituto de Artes da UNESP. Em substituição às humilhações de outros tempos, os calouros serão recepcionados em

seus câmpus com semanas de atividades culturais, que incluem exposições de arte e sessões de cinema, e com palestras e debates, com o objetivo de integrá-los aos cursos e à comunidade. Mas não escaparão, claro, de algumas tarefas. “Cada aluno terá que completar uma cota, arrecadando alimentos, material escolar, roupas e remédios, que depois serão doados a movimentos sociais”, diz Cléber Santos Vieira, 21 anos, quartanista de História do câmpus de Franca. O ponto alto do “Trote Social”, que este ano é dedicado ao tema “Em defesa da universidade pública”, no entanto, deverá ocorrer no dia 16 de março, com um show no Sesc Interlagos, em São Paulo. “De cada câmpus deverá vir pelo menos um ônibus para a Capital”, garante Elisabete.

ESPORTE

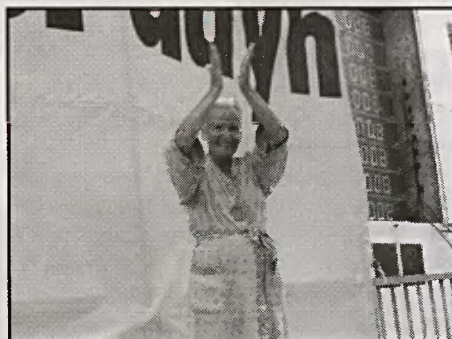
Braçadas experientes

Com 83 anos, nadadora se destaca entre masters

Nem só de jovens como Gustavo Borges ou Fernando Scherer vive a natação nacional. Prova disso é a paulista Alice Hannickel Simões. Aos 83 anos, Alice recebeu o título de Destaque Esportivo de 1996 — Categoria Natação, da cidade de Rio Claro. O prêmio, promovido por duas empresas e votado pela imprensa local, homenageou a mais idosa e uma das mais atuantes nadadoras em atividade no Brasil. Integrante das equipes de natação da Prefeitura e do Instituto de Biociências (IB) do câmpus de Rio Claro, Alice participa, em média, de quatro competições anuais. A última delas foi o Torneio Aberto de Santos, em novembro de 1996, onde obteve o segundo

lugar nos 50 m nado peito, sua especialidade, e abocanhou uma medalha, que veio somar-se às mais de 80 que se amontoam nas prateleiras de sua casa, incluindo as conquistadas em campeonatos mundial e sul-americano. Detalhe: Alice só aprendeu a nadar depois dos 70 anos. “Na juventude jogava vôlei, mas depois parei e fui incentivada pela minha técnica a nadar para me manter sempre saudável”, conta Alice.

A “técnica”, no caso, é a filha de Alice, Vera Lúcia Simões da Silva, professora do Departamento de Educação Física do IB, onde coordena o programa de extensão em natação master. “Ela aprendeu rápido, começou a treinar frequentemente e não parou mais”, explica Vera, que

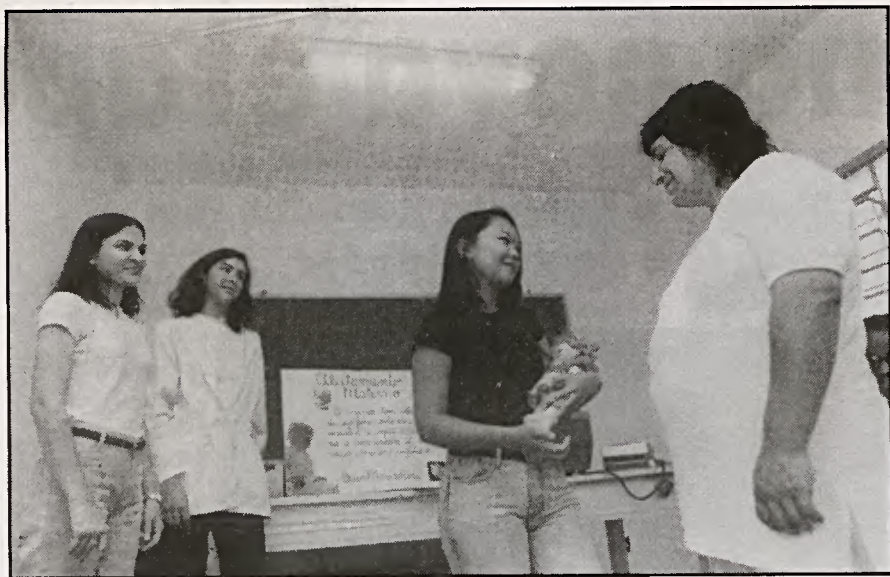


Arquivo pessoal

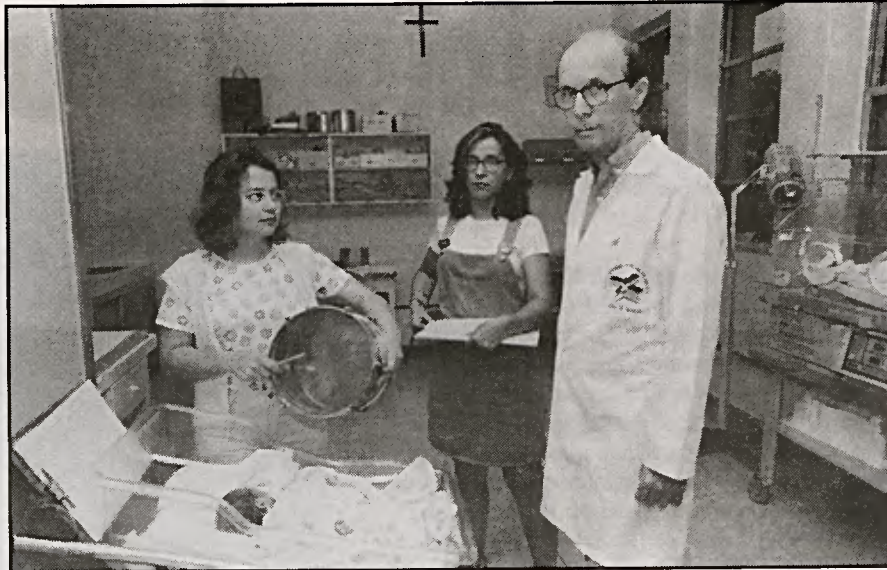
PÓDIO

Alice: “Preciso melhorar a postura”

também é nadadora. Alice mora em Juiz de Fora (MG), nada de 300 a 400 m por dia e viaja rotineiramente a Rio Claro para treinar. “Preciso melhorar minhas braçadas e postura”, admite.



PREVENÇÃO
Fonoaudiologistas explicam métodos de detecção da surdez em bebês



AVALIAÇÃO
Simone (no centro) e Alfredo: música no berçário de prematuros

Fotos: Manica Richier

Diagnóstico precoce da surdez

Ouvuiu falar?

Durante o pré-natal, a dona-de-casa Vanderli Machado de Oliveira seguiu à risca as recomendações dos médicos quanto aos cuidados com a saúde do feto. Afinal, aos 38 anos, idade considerada de risco, enfrentava sua primeira gravidez. Deixou de fumar e de tomar bebidas alcoólicas logo nas primeiras semanas de gravidez. Remédios, só com expressa orientação médica. Procurou também evitar contato com pessoas doentes. Após o nascimento de Mateus, hoje com dois meses, Vanderli continuou tão zelosa quanto antes, a ponto de preocupar-se com um problema pouco observado pelos pais: a saúde auditiva do bebê. Batia palmas e cantava ao lado do berço, observando a reação do filho. "Foi um alívio vê-lo piscando várias vezes e girando a cabeça, em busca da origem dos ruídos", declara. "Soube, naquele momento, que ele não era surdo."

Vanderli aprendeu esses procedimentos simples, mas importantes, freqüentando um curso para gestantes num posto de saúde de Marília. O serviço, gratuito, é uma das inúmeras atividades prestadas por uma equipe multidisciplinar da cidade, formada por psicólogos, pediatras, ginecologistas e fonoaudiólogos. São nove profissionais da Prefeitura, da Faculdade de Medicina de Marília e da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) do câmpus daquela cidade. O objetivo da equipe é realizar um amplo trabalho de prevenção e diagnóstico precoce da surdez junto às gestantes e crianças entre zero e seis anos. "A detecção precoce permite iniciar mais cedo, e com maiores chances de sucesso, o trabalho de reabilitação da fala e da linguagem", explica a fonoaudióloga Simone Aparecida Capellini, do Departamento de Fonoaudiologia da FFC, integrante do grupo. Os especialistas enfatizam a necessidade de verificar a existência do problema nos dois primeiros anos de vida. "Nessa fase ocorre o desenvolvimento cognitivo e social da criança", destaca o otorrinolaringologista Alfredo Rafael Dell'Aringa, do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina, um dos mentores do trabalho.

DIAGNÓSTICO TARDIO

O projeto de avaliação precoce da surdez, idealizado em 1994, só foi sistematizado no ano passado. Surgiu da constatação de inúmeros casos de surdez em crianças na faixa de 2 a 12 anos, atendidas na Clínica Fonoaudiológica e no Centro de Orientação Educacional (COE), ambos sediados no câmpus. No ano passado atendeu 44 crianças, 17 delas, quase 40% do total, com problemas de deficiência auditiva. "Infelizmente, esses números vêm aumentando", constata Simone.

O trabalho de prevenção começa ainda no



TESTE
Vanderli: palmas e canções atestaram a boa audição de Mateus

útero. Nos postos, as grávidas são alertadas sobre os fatores de risco que podem ocasionar deficiências nos bebês. Diante de uma platéia formada por doze gestantes que freqüentam o curso de pré-natal, o ginecologista João Salgado Neto, do Centro de Saúde Escola, mantido pela Prefeitura, alerta: "A rubéola é uma das principais causas de deficiência auditiva em recém-nascidos, principalmente se for adquirida pela mãe nos três primeiros meses de gravidez". Sua afirmação é respaldada por uma pesquisa sobre a origem da surdez, feita com 97 pacientes atendidos em 1995 pelo COE. No estudo, feito por quartanistas de Fonoaudiologia e coordenado pela professora Simone, constatou-se que 31% das crianças tiveram perda auditiva causada pelo vírus da rubéola. "Antes de engravidar, é importante a futura mãe se vacinar contra a doença", recomenda Neto.

AVALIAÇÃO EM BEBÊS

No berçário, os fonoaudiólogos ligados ao projeto destinam especial atenção aos recém-nascidos de risco, ou seja, aos prematuros, aos que tiveram mães fumantes, diabéticas ou que, durante a gravidez, contraíram rubéola, toxoplasmose ou doenças venéreas. A avaliação auditiva é feita em três níveis. Na primeira fase, os estagiários de fonoaudiologia levam para o berçário instrumentos musicais como guizo e tambor para avaliar a reação dos bebês aos estímulos sonoros.

"Se a criança não pisca nem procura a fonte sonora, é considerada deficiente auditiva, uma vez que a maturação do sistema auditivo só acontece entre um ano e meio e dois anos de idade", explica Simone. Nesses casos, as mães são informadas do problema e um prontuário, com todos os dados da criança, é encaminhado aos médicos dos postos de saúde para se fazer o acompanhamento. Se a criança não reagir a nenhum som depois dos dois anos, é encaminhada à Clínica Fonoaudiológica da FFC ou a um hospital, para realizar exames mais sofisticados de audiometria. Confirmada a surdez, recomenda-se a colocação do aparelho de amplificação sonora.

"Chegar aos cinco anos com sérios problemas de linguagem por causa do diagnóstico tardio da surdez acarreta um grande atraso para a criança", comenta a fonoaudióloga Luciana Tavares Sebastião, do Departamento de Fonoaudiologia da FFC. Segundo ela, as mães devem acompanhar o comportamento auditivo da criança do nascimento aos dois anos de idade, observando a sua reação aos sons (veja quadro nesta página). "Não é preciso esperar a fase de balbúcios, entre os sete e os doze meses, para se começar com os testes", assevera.

Tânia Belickas

Em busca dos sons	
Padrão normal de comportamento auditivo estabelecido pelos especialistas norte-americanos Northern e Dows	
<p>Neonato - Desperta do Sono</p>	<p>9 a 13 meses - Vira a cabeça para o lado e para baixo de forma bem rápida</p>
<p>3 a 4 meses - Começa a voltar a cabeça devagar</p>	<p>13 a 16 meses - Vira a cabeça para o lado, para baixo e indiretamente para cima</p>
<p>4 a 7 meses - Vira a cabeça apenas para o lado</p>	<p>16 a 21 meses - Localiza todos os sinais, para os lados, para cima e para baixo</p>
<p>7 a 9 meses - Vira a cabeça para o lado e para baixo indiretamente</p>	<p>21 a 24 meses - Localiza diretamente os sons em qualquer ângulo</p>

Paulo Zilberman

O início de uma nova etapa

Cerimônia de posse de Antonio Manoel e Roberto Ramalho tem presença maciça da comunidade e de autoridades

A UNESP tem novo comando. Em sessão solene do Conselho Universitário (CO), realizada no último dia 15 de janeiro, os professores Antonio Manoel dos Santos Silva e Luís Roberto de Toledo Ramalho tomaram posse, respectivamente, como reitor e vice-reitor da Universidade. A comunidade unespiana compareceu em peso, ocupando as oitocentas poltronas do auditório Simón Bolívar, no Memorial da América Latina, em São Paulo. Autoridades públicas e educacionais também endossaram a cerimônia: secretários de Estado, deputados estaduais, prefeitos e vice-prefeitos de várias cidades e dirigentes de universidades públicas e particulares.

Professor titular de Literatura Brasileira no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) do câmpus de São José do Rio Preto, Antonio Manoel, 54 anos, é o primeiro reitor oriundo de um câmpus simples; os quatro reitores anteriores pertenciam a câmpus complexos, onde há mais de uma unidade universitária, e o primeiro era da USP. Para chegar ao cargo, ganhou as eleições paritárias realizadas nos dias 6, 7 e 8 de novembro último, obtendo 60% dos votos válidos entre professores, 61% entre alunos e 37% entre funcionários. Seu nome foi homologado pelo Colégio Eleitoral da UNESP e posteriormente confirmado pelo governador Mário Covas, numa lista com mais outros dois nomes: os professores Wagner José Oliva, que também foi candidato, e José Ribeiro Júnior, escolhido pelo Colégio Eleitoral para completar a lista tríplice. O vice-reitor, Luís Roberto de Toledo Ramalho, 55 anos, é professor titular da área de Anatomia e foi diretor da Faculdade de Odontologia (FO) do câmpus de Araraquara, entre 1992 e 1995.

A cerimônia foi singela e emocionante. Às 16h30, o Grupo de Percussão do Instituto de Artes (IA) abriu a cerimônia ao som de *Urbanas II*, de autoria de Fernando Iazzetta. Na seqüência, adentrou ao auditório o cortejo universitário, com docentes do CO trajando vestes talares — a beca acadêmica sobreposta pelo capelo cuja cor que identifica a área do conhecimento a que pertence seu usuário. O jornalista Rodolfo Gamberini, mestre-de-ceri-



SOLENIIDADE
Conselho Universitário: sessão solene reúne a cúpula da UNESP e autoridades públicas

mônias, convidou as autoridades presentes para compor a mesa, que foi formada, além dos dirigentes da UNESP e do secretário-geral Darwin Beig, por cinco secretários de Estado: Emerson Kapaz, da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, Francisco Graziano Neto, da Agricultura e Abastecimento, Walter Barelli, das Relações do Trabalho, Belisário da Silva Júnior, da Justiça, e Rose Neubauer, da Educação. Ocuparam assentos ainda Flávio Fava de Moraes, reitor da USP, Régis de Oliveira, vice-prefeito e secretário da Educação da cidade de São Paulo, o deputado estadual Roberto Engler, representando a Assembléia Legislativa, e Francisco Romeu Landi, diretor-presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Em seguida, foi cantado o



DESAFIOS
Macedo: "Confoio em sua competência"

professor Antônio Manoel, até então, o seu vice-reitor. Em seu discurso, Arthur Macedo enfatizou que "empreendi uma cruzada pessoal pelo engrandecimento da Universidade. Os que me sucedem conhecem os problemas da UNESP e confio em sua competência e vontade política para enfrentar os desafios com sucesso." Antonio Manoel, seguindo o mesmo ritual, deu posse ao professor Luís Ramalho como novo vice-reitor. As transferências das funções de reitor e vice foram seguidas da apresentação da peça musical *Bachianas Brasileiras n.º 5*, de autoria do compositor Heitor Villa-Lobos, pela professora Márcia Guimarães.

Após o pronunciamento de Antonio Manoel, considerado o ponto alto da cerimônia (veja texto na página ao lado), o professor Eurípides Alves da Silva, do Departamento de Matemática do Ibilce, leu o discurso redigido pelo professor Wilson Maurício Tadini, escolhido para falar como representante do CO mas que não pôde comparecer à cerimônia por problemas de saúde. Seu texto destacou as expectativas da comunidade universitária em relação à nova direção: "Esperamos uma política de manutenção das atividades essenciais e que sejam tomadas decisões rápidas para as carências que pedem soluções imediatas", ressaltou.

Representando o governador Mário Covas, o secretário Emerson Kapaz, por sua vez, destacou a importância da UNESP no Estado e observou que "não há desenvolvimento econômico sem avanço do conhecimento". E enfatizou: "Queremos que haja um vínculo mais forte entre o Governo e as universidades para a solução dos problemas da administração pública." Depois de duas horas de cerimônia, Antonio Manoel fez seu primeiro ato como reitor, encerrando a sessão solene às 18h30.



RITUAL:
Antonio Manoel e Roberto Ramalho: novo comando da Universidade



PRESTÍGIO
Engler, Graziano, Belisário, Landi e Barelli: presenças ilustres

Fotos: Helcio Tohi e Monaco Richier

Rumo à sociedade sonhada

Para decepção de muitos dos presentes à cerimônia de posse do novo reitor da UNESP, Antonio Manoel dos Santos Silva, não havia sequer uma cópia impressa do discurso que ele acabara de fazer. Falando de improviso, com apenas algumas anotações à mão, por pouco mais de meia hora, Antonio Manoel abordou alguns dos problemas mais candentes da educação brasileira e — é esse o diferencial — o fez de maneira emocionada e emocionante.

Deixando emergir por inteiro o homem de letras que é, foi buscar em Minas Gerais, Buenos Aires e Grécia os textos de que precisava para ilustrar suas idéias e ideais. Com imagens emprestadas de Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Julio Cortázar e Konstantinos Kavaphis, foi construindo metáforas sempre belas e precisas acerca de suas preocupações como educador, pesquisador, administrador e, mais do que tudo, como homem.

O poeta mineiro Murilo Mendes, autor da frase preferida do reitor, "muito universal, porque muito local", foi o escolhido para a abertura do discurso. Na seqüência, o texto diz que "tudo o que é genuíno e simples contém um elemento novo e revolucionário", fomentando o fio condutor para que Antonio Manoel falasse sobre aquele momento solene: "A formalidade da cerimônia, que repõe a tradição, o hino, que nos identifica como seres da mesma pátria, o ritual todo, toda essa carga de solenidade, acabou me atingindo e me faz agora possuído por algo genuíno, embora não simples", disse, compartilhando com os presentes os sentimentos "fatal e afortunadamente humanos" que sentia ao chegar à reitoria da UNESP: orgulho e engrandecimento, alegria e confiança. "Esse sentimento de dignificação só se completa em mim e, creio, também no vice-reitor agora empossado, se eu o sinto em todos e se eu o sinto de todos."

Em seguida, Antonio Manoel rendeu um justo tributo aos dirigentes que o antecederam no cargo, lembrando sua participação nas três últimas gestões. "Pude, não só como professor e pesquisador, mas como participante da administração central, acompanhar o crescimento e o desenvolvimento da UNESP e aprender muitas lições, aquilantando a importância ora da serenidade, ora da veemência, às vezes do humor, mas, principalmente, da responsabilidade inerente ao cargo."

Lembrando os 21 anos da Universidade, o reitor afirmou: "A UNESP poderá estar celebrando, amanhã, o reconhecimento como universidade pública de qualidade e como locus fundamental para o desenvolvimento do ensino, da produção do conhecimento e de novas tecnologias e de sua difusão e extensão por todas as partes do Estado de São Paulo."

Retomando as imagens literárias e as "trações da leitura", Antonio Manoel trouxe do Rio da Prata o curto e denso texto *Maneira singelíssima de destruir uma cidade*, de Julio Cortázar, que vale reproduzir aqui: "Alguém espera, escondido no mato, que uma enorme nuvem da espécie cúmulo cubra a cidade aborrecida. Então, esse alguém atrai uma flecha petrificadora. A nuvem se transforma em mármore, e o resto não merece comentário." "No conjunto", ponderou o reitor, "essa imagem visionária parece-me o



DISCURSO
Antonio Manoel: supressão de carências sociais

símbolo da apreensão e da preocupação com possíveis ameaças sobre a universidade. E as ameaças não são símbolos. Elas são realidade." Tomando o texto cortazariano como fio condutor, Antonio Manoel passa a refletir sobre os destinos da universidade: "O processo de desenvolvimento centrado no eixo puramente econômico ou puramente nas necessidades de mercado permite-nos identificar os riscos da petrificação, que são múltiplos". Na seqüência, identifica três destes riscos: as tentativas de transformação das universidades em instituições dedicadas e segmentadas, a transformação das universidades em agências prestadoras de serviços e a dependência crítica em relação aos grandes centros de produção de conhecimento e de tecnologia. "Não vou comentar estes riscos porque o texto me sugeriu não fazer comentários." Ainda na esteira da pequena fábula do escritor argentino, o reitor acrescentou: "Essas flechas petrificadoras devem preocupar-nos, mas não nos devem atemorizar, pois nossas universidades saberão encontrar as formas de resistência afirmativa em relação a essas ameaças." A mais efetiva dessas ações, ele lembrou, é a intensificação da função social primeira da universidade: a formação de seres humanos. "O ensino como instrução e como educação."

Outro autor citado no discurso, pinçando na música popular brasileira, foi Raimundo Evangelista, co-autor da canção *Minha história*, que narra as desventuras de alguém que não teve a chance de estudar mas tinha o dom de compor. Anos depois, os colegas mais afortunados, já doutores, o aplaudem em suas apresentações e ele se compraz com esse reconhecimento. A canção termina assim: *Mas o negócio não é bem eu! É Mané, Pedro e Romão! Que também foi meus colegas e continua no sertão! Não puderam estudar e nem sabem fazer baiano.* Antonio Manoel vê nesses versos o encaminhamento para um tema que julga central, hoje, no Brasil: a educação como esteio do desenvolvimento social e econômico. "É papel da universidade perceber a educação como carência social sentida e, às vezes, como carência não sentida." E chama para a universidade a responsabilidade da formação de recursos humanos para superar essa necessidade social. "Ela tem o dever da intervenção no esforço educacional geral que se faz, hoje, no

País. E a UNESP tem uma experiência nesse sentido que talvez nenhuma outra universidade tenha, devido à sua situação geopolítica."

Diante da possibilidade de uma outra flecha petrificadora, a seta do desânimo, o reitor evoca a voz de outro poeta mineiro, Carlos Drummond de Andrade, mais exatamente o texto *A máquina do mundo*, onde o autor se coloca no lugar de um pesquisador já cansado de seu trabalho, diante da impossibilidade de encontrar a verdade. Só e desesperançado, ouve uma voz que lhe oferece a máquina do mundo, a oportunidade de conhecer a estrutura do universo, todas as conquistas do conhecimento, a revelação de todas as verdades ainda não atingidas. Desanimadamente, porém, o poeta-pesquisador recusa a oferta e volta as costas à máquina. "Há, no texto, uma descrença na potência da razão, que determina o desânimo". Mais uma vez estendendo uma ponte entre a poesia e a realidade, Antonio Manoel se vale da fábula drummondiana para indicar as formas de superação do desânimo não só do pesquisador, mas das próprias instituições de pesquisa, em momentos de crise econômica. "Em primeiro lugar, crer na potência, ainda que finita, da razão. Depois, não aceitar o isolamento. Isso não diz respeito apenas ao professor e ao pesquisador acometidos pelo desânimo, mas a toda a comunidade."

Para o encerramento, Antonio Manoel reservou dois textos, que, embora disparem em suas origens e intenções, em dado momento, e de certa forma, se interrelacionam. No primeiro, Murilo Mendes descreve a universidade, este "corpo de espantos, figura da impaciência humana, laboratório em que se depositam os papéis da invenção", onde se dão os "avanços nos espaços estelares, desintegração de Deus", e onde se tenta a "solução do enigma proposto ao homem pelo texto do cosmo-esfinge". Recorre, finalmente, a Konstantinos Kavafis, para sua última e, mais uma vez, precisa metáfora. Depois da leitura de *Mitos antigos que nos sustentam até hoje*, em que o poeta grego revisita a mítica ilha de Ítaca, destacando a importância, não da chegada, mas da viagem, o reitor faz um paralelo da ilha com a universidade.

Já não se sabe, então, se quem fala é o poeta ou o educador, o pesquisador ou o administrador. "A nossa Ítaca é a universidade possível e construída de acordo com o nosso trabalho e a confiança na razão. Esta universidade assim sonhada não tem nada para dar-nos, além de uma experiência insubstituível. Imaginando que essa Ítaca seja a sociedade que nós desejamos, a universidade também realiza, em direção a essa sociedade melhor, uma viagem cheia de aventuras extremamente gratificantes. Essa sociedade assim sonhada é que impulsiona toda a universidade digna desse nome a centrar a sua ação naquilo que a fundamenta: o ensino e a pesquisa em função da supressão de carências sociais sentidas e, infelizmente, muitas vezes, não sentidas."

Ao final do discurso, uma certeza comum, "fatal e afortunadamente humana", perpassava os presentes: por numerosas que sejam as setas petrificadoras, haveremos de caminhar, ao longo dos próximos quatro anos, imaginação e razão irmanadas, rumo à sociedade sonhada do século XXI.

Continuidade e avanços

Certeza na continuidade dos projetos que estão dando certo e esperança de que o novo reitor vá além de seus antecessores. São essas as expectativas de secretários de estado, reitores, líderes estudantis e representantes da comunidade da UNESP, em relação ao novo reitor, Antonio Manoel dos Santos Silva. "Antonio Manoel representa a continuidade sem continuidismo", resume o secretário estadual da Agricultura e ex-docente no câmpus de Jaboticabal, Francisco Graziano Neto. "Mas espero que ele traga coisas novas, porque esse é o papel da universidade. Avançar além do que é conhecido, do que já foi feito."

O reitor da Unicamp, José Martins Filho, também ressalta a continuidade administrativa com um dos aspectos positivos do novo reitor. "Sua experiência como vice-reitor e sua atuação na pós-graduação dá a certeza de que a UNESP continuará desempenhando, com êxito, seu papel em favor da melhoria da educação e da pesquisa paulista e nacional", frisou. O reitor da USP, Flávio Fava de Moraes, concorda com Martins Filho. "Com sua experiência, ponderação e capacidade demonstrada em atividades anteriores, saberá conduzir adequadamente os destinos da UNESP."

Para o secretário estadual das Relações do Trabalho, Walter Barelli, a comunidade unespiana não poderia ter feito melhor escolha. "Feliz da universidade que pode ter à sua frente uma das grandes figuras de nossa intelectualidade, como Antonio Manoel", elogiou, referindo-se à produção aca-

dêmica e literária do novo reitor. "Com ele na Reitoria a importância da UNESP vai crescer significativamente." O secretário da Ciência e Tecnologia, Emerson Kapaz, não pensa diferente. Ele ressalta as características diferenciadas e estratégicas da UNESP. "É perfeita para ações conjuntas com o Governo, visando não apenas o aprimoramento educacional, mas também o desenvolvimento econômico e social da população", declarou. As expectativas da secretária da Educação, Rose Neubauer da Silva, são de que a Universidade continue trabalhando com a sua secretária. "Isso é importante para melhorar a qualidade de nossos professores e, por consequência, do ensino", disse Rose.

Além dos elogios, houve também, durante a cerimônia de posse, promessas de apoio à UNESP. "Queremos que a Assembléia Legislativa, onde são definidos os recursos que vão para as universidades, seja um local onde a UNESP possa divulgar à sociedade seu importante papel", disse o deputado Roberto Engler, do PSDB, autor da emenda que repassa à UNESP R\$ 3 milhões de reais para a construção do câmpus de Franca, onde é docente. "A relação entre as duas instituições, Assembléia e UNESP, tem sido ótima e a tendência, com o professor Antonio Manoel, é que ela melhore ainda mais."

Além dos numerosos elogios e votos de confiança, ouviu-se também, já na cerimônia de posse, as primeiras reivindicações. "Esperamos que o novo reitor valorize os professores e

adote uma política salarial digna e um plano de carreira que contemple tanto o corpo docente como os funcionários", cobrou Antônio Luís de Andrade, presidente da Adunesp. "Já apresentamos nossa pauta de reivindicações ao então candidato Antonio Manoel", acrescenta Jesse James Alvarado, coordenador político do Sintunesp. "Ela inclui plano de carreira, reposição salarial e plano de saúde. Queremos ainda uma maior abertura política e participação na elaboração do orçamento para podermos dar uma resposta à comunidade quando houver uma decisão da Reitoria."

O Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UNESP também fez seus pedidos: "Queremos que o programa de gestão universitária esteja voltado aos projetos de desenvolvimento social como um todo, preservando o caráter autônomo da universidade pública, gerando ensino, pesquisa e extensão", reivindicou Elisabete Geraldini, uma das diretoras do DCE. A União Estadual dos Estudantes (UEE), por sua vez, pede maior abertura a todos os segmentos da comunidade universitária. "É vital também que a UNESP defenda sempre o ensino público e gratuito, lutando contra a maré da privatização do ensino", destacou Eder Silva, presidente da UEE.



Eder Silva, da UEE: ensino público



Rose Neubauer: trabalho conjunto

Grandes verdades, sem pieguismo

Autobiografia revela vida e obra de Paul Feyerabend, o polêmico filósofo austríaco

OSCAR D'AMBROSIO

“**E**u queria que depois de minha partida ficassem algumas coisas minhas, não escritos, não declarações filosóficas finais, mas amor”. Estas palavras não surpreenderiam se viessem de Martin Luther King ou Mahatma Gandhi. O que as torna dignas de reflexão é que foram pronunciadas, poucas semanas antes de morrer, por Paul K. Feyerabend (1924-1994), um dos principais filósofos contemporâneos, célebre pelo seu pensamento polêmico e pelo desprezo ao mundo acadêmico e aos títulos universitários.

Terminada no hospital, onde o filósofo morreu devido a um tumor no cérebro, *Matando o tempo: uma autobiografia* é um relato sobre uma vida dedicada à arte de pensar. Nascido em Viena, amante de ópera e de astronomia, Feyerabend confessa que passou a maior parte de sua vida lendo. Sua formação intelectual sofreu apenas uma parada, quando serviu ao exército alemão entre 1942 e 1945. Mesmo sem apreciar a vida militar, foi favorecido por instantes de liderança e tornou-se tenente e comandante de um batalhão nos campos russos.

Da II Guerra, restaram marcas permanentes. Uma bala deixou Feyerabend manco, obrigando-o a usar uma bengala para o resto da vida. Além disso, o ferimento resultou em impotência sexual, fato que não lhe impediu de manter vários relacionamentos amorosos e, principalmente, casar-se com a ativista dos direitos humanos Grazia Borrini, física italiana por quem o filósofo nutria autêntica adoração e que o acompanhou até o último instante.

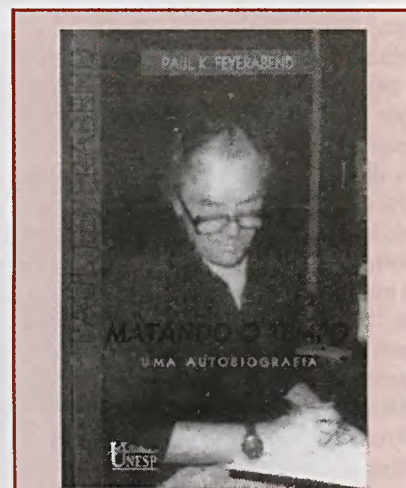
Professor de Filosofia e Filosofia da Ciência na Universidade de Berkeley (EUA) e em diversas instituições da Europa, Feyerabend revela sempre o espírito anárquico que o levou a publicar *Contra o método* (Francisco Alves, 1977), obra escrita em forma de colagem que alinhava diversos argumentos, de maneira quase caótica, bem ao estilo dadaísta, sobre o “vale tudo” do mundo da teoria científica. O autor mostra-se aberto a todo tipo de influência. Comenta a obra do filósofo Karl Popper com a mesma facilidade com que discorre sobre cantores líricos ou espetáculos de luta livre. Confessa ainda que não costumava pre-

parar suas aulas e que, diversas vezes, tinha medo de começar uma palestra. Fazia apenas anotações e deixava que a retórica e a adrenalina o conduzissem durante a apresentação.

Amante do teatro, Feyerabend preparava-se para suas conferências como um ator, ficando perante o espelho e decorando o que tinha a dizer. Consciente de que, muitas vezes, a forma de falar é mais importante do que o próprio conteúdo, o filósofo austríaco desnuda o vazio intelectual de boa parte das instituições em que lecionou. Conta que, ao coordenar cursos, falava apenas dez minutos, abrindo o espaço para debates e permitindo



M.C. Escher



Matando o tempo: uma autobiografia, de Paul K. Feyerabend. Editora UNESP; tradução de Raul Fiker; capa de Lúcio Kume; 200 páginas; R\$22,00, com 25% de desconto para funcionários da UNESP.

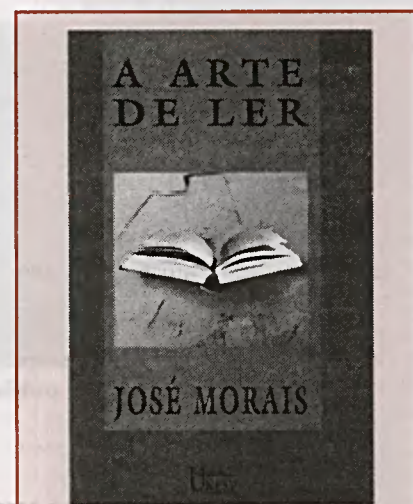
que os alunos fizessem apresentações sobre os mais variados temas, incluindo luta de minorias e problemáticas culturais das mais variadas ordens. Entre seus convidados esteve, por exemplo, Malcolm X. Além disso, durante as greves de estudantes, o filósofo dava aulas nos alojamentos ou em igrejas e, após as atividades acadêmicas, convidava os participantes para jantar.

Simple sem ser simplista, Feyerabend mostra seu humanismo. Reconhece, por exemplo, que quis dar aulas na Escola Politécnica da Suíça por ser a que melhor pagava e a que, simultaneamente, obrigava a uma menor carga horária. Faz isso sem constrangimento, alertando que as grandes verdades do ser humano, inclusive o amor, podem ser ditas sem pieguismo.

Oscar D'Ambrosio é jornalista e crítico literário.

Leio, logo existo

A escrita e a leitura como fatores de integração social



A arte de ler, de José Morais. Editora UNESP; tradução de Álvaro Lorenzini; capa de Christof Gunkel; 328 páginas; R\$ 29,00, com 25% de desconto para funcionários da Unesp.

Saber ler e escrever é tão importante quanto respirar ou se alimentar. Ser analfabeto ou iletrado significa, nos dias de hoje, o afastamento do mercado de trabalho e a marginalidade. Por isso, o estudo de formas eficientes de aprendizagem de leitura e de escrita ganha uma importância cada vez maior, pois trata-se de uma prioridade que torna pessoas e trabalhadores mais aptos à convivência social.

José Morais, professor da Faculdade de Ciências Psicológicas e da Educação da Universidade Livre de Bruxelas, escreveu a *A arte de ler* em busca de uma melhor compreensão dos processos de leitura e de sua aquisição. Seu objetivo é auxiliar na elaboração de métodos de ensino e técnicas de reeducação mais adequadas à modernidade. O autor, de origem portuguesa, ressalta que, a partir da Revolução Industrial, ler deixou de ser uma atividade indispensável apenas para uma minoria de religiosos ou eruditos, tornando-se um atributo essencial ao desempenho profissional de todo cidadão.

O número de indivíduos incapazes de

“ler e escrever uma exposição simples e breve de fatos relacionados com sua vida cotidiana”, conceituação de iletrismo segundo a UNESCO, é estimado em 1 bilhão, englobando cerca de 35% das mulheres do mundo, principalmente da Índia, China e África. Para combater essa situação, o pesquisador acredita que “o desenvolvimento e a generalização da leitura só dependem de um ensino eficiente e aberto a todos”, dentro de uma ampla política de incentivo à cultura. A partir daí, verifica quais são as melhores maneiras de garantir um acesso eficaz à leitura e à escrita.

Extremamente original na forma de expor suas idéias, José Morais apresenta uma excelente “Monografia escrita em 2005 por um jovem licenciado em psicologia que fez sua especialização em psicolinguística cognitiva” e um diálogo entre Peter Pan e Wendy na biblioteca do País Imaginário, além de uma conclusão intitulada “Uma política para a leitura”, que tem como protagonista Carlos Magno. Desse modo, argumenta com clareza, bom humor e bastante ironia.

A arte de ler conclui que “os melhores leitores tendem a ser também os melhores escritores”, e que o método fônico (ênfase na aprendizagem das correspondências entre as letras e seus “sons” para pronunciar as palavras) é o melhor, desde que seja corretamente aplicado, sem exagerar nos exercícios de cópia, importantes para o controle motor e para a identificação de letras desde que utilizados em dose adequada. A audição de histórias infantis e o uso do computador em programas interativos com exercícios de correção de pronúncia e ortografia também são elogiados quando realizados com critério.

Morais analisa ainda o comportamento de leitores hábeis, principiantes e fracassados, mostrando que o ensino da leitura deve ocorrer numa interação entre a família, a escola e o aprendiz. Desse modo, é possível desenvolver aqueles que apresentam maior facilidade, reeducar disléxicos ou portadores de outros tipos de deficiências de aprendizagem e buscar métodos que levem à leitura e à escrita da maneira mais agradável e eficiente possível. (O.D.)



Donas-de-casa, qual o quê!

A educação revolucionária do Colégio Florence de Campinas, em pleno século XIX

Submissas e dependentes dos homens (pais, maridos ou irmãos), mantidas na ignorância ou, quando muito, em internatos para aprender a rezar e a fazer um ou outro trabalho manual (costura, bordado). Assim pode-se resumir a educação que as mulheres brasileiras recebiam até a metade do século XIX. É a conclusão que emerge da pesquisa realizada pela biblioteconomista e historiadora da Educação Arilda Ines Miranda Ribeiro e que resultou no livro *A educação feminina durante o século XIX: O Colégio Florence de Campinas 1863 - 1889*, lançado em outubro do ano passado.



Arilda: gênese do processo educativo feminino

Esse trabalho de Arilda, professora do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia do câmpus de Presidente Prudente, é decorrência de sua dissertação de mestrado, defendida em 1987, *A educação da mulher no Brasil-Colônia*. "Neste primeiro estudo, procurei resgatar a gênese do processo educativo feminino brasileiro", explica. "Cheguei à conclusão que, no período pesquisado, apenas algumas mulheres, vindas de famílias abastadas, tiveram acesso à instrução, assim mesmo em conventos onde eram alfabetizadas só para ler livros de rezas."

Arilda revela que escolheu a segunda metade do século XIX para pesquisar porque até 1850 as con-



VANGUARDA
Carolina Florence (sentada) e familiares: libertária

dições educacionais eram semelhantes às da época do Brasil colonial. "A partir daí, o panorama começou a mudar", conta. "Desde a chegada da corte portuguesa, em 1808, cresceu o volume de informações disponível a todos. Além disso, a riqueza gerada pelo café, o fim da escravidão e a vinda de imigrantes passaram a exigir um convívio urbano maior. Por tudo isso, a instrução começava a se tornar cada vez mais necessária e as mulheres ganhavam as ruas com mais liberdade." Nesse contexto, a região de Campinas era privilegiada. Era lá que moravam os grandes "barões do café", os republicanos que lutavam contra a monarquia, e para onde se dirigiam os imigrantes, na maioria alemães, que trouxeram grandes mudanças, principalmente culturais. "Eles injetaram sangue novo na população", diz Arilda. "Criaram indústrias, fizeram crescer o comércio, fundaram escolas, jornais, bibliotecas, sociedades desportivas, de música e de canto, melhorando o padrão de vida e influenciando na vida intelectual da região."

Essa atuação gerou uma efervescência de novas idéias e novos costumes. "A elite campineira não queria mais que as mulheres ficassem presas em casa", explica a biblioteconomista e historiadora. "Querida que elas tivessem pelo

menos um pouco de escolarização." Surgiu, assim, a necessidade da fundação de escolas particulares, como o Colégio Florence de Campinas (*leia quadro*) e vários outros em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Vila Rica (hoje Ouro Preto), Olinda, Salvador e São Luís.



PANORÂMICA
O colégio, em bico-de-pena de Hércules Florence: Anatomia e Geometria para mulheres

EDUCAÇÃO INTEGRAL

Embora as mulheres passassem a ter acesso à educação, esta era diferente da ministrada aos homens. "O objetivo do ensino secundário para os rapazes era prepará-los para entrar numa faculdade, algo ainda pouco comum entre as mulheres. Por isso, elas tinham uma educação mais integral, uma formação intelectual mais globalizante", conta a pesquisadora. "Não era qualquer mulher, no entanto, que ia estudar. O ensino secundário só existia em colégios particulares, que eram muito caros. Só as filhas dos 'barões do café' e fazendeiros ricos podiam frequentar essas escolas."

Diferentemente das escolas religiosas, os melhores colégios lai-

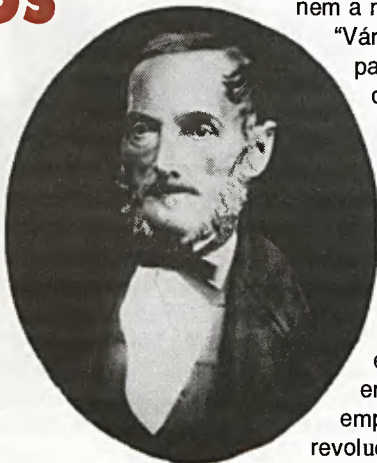
cos do Brasil, que eram poucos e entre os quais se destacava o Florence, ensinavam às suas alunas ciências consideradas modernas na época, como Geometria, Aritmética, Botânica, Geografia e até Anatomia, vista com horror pela Igreja, e línguas (inglês, francês, italiano e alemão). Também se ministravam, lá, aulas de música, nas quais as estudantes aprendiam a compor peças musicais e a tocar piano até a oito mãos. "Além disso, pelo menos no Florence, os trabalhos manuais eram muito requintados", revela Arilda. "As alunas não se limitavam a fazer bordados e costuras. Realizavam também pinturas em tela, trabalhos com imitação de marfim, desenhos a *crayon*."

Evânildo da Silveira

Entre letras e bordados

Fundado em 3 de novembro de 1863 pela imigrante alemã Carolina Krug Florence, o Colégio Florence de Campinas foi um dos que teve vida mais longa durante o período imperial. Existiu por 25 anos, quando a maioria dos outros colégios não duravam nem a metade desse tempo.

"Vários fatores contribuíram para essa longevidade", diz Arilda Ines Miranda Ribeiro, autora do livro *A educação feminina durante o século XIX: O Colégio Florence de Campinas 1863 - 1889*. "Entre os principais, está o fato de a fundadora ser uma educadora alemã que já ensinava na Alemanha empregando métodos revolucionários, antes de chegar ao Brasil."



Hércules Florence, o inventor da fotografia: companheirismo

Foi com essa bagagem que ela desembarcou em Campinas, no final de 1852. Outro fator que contribuiu para o sucesso do colégio foi o casamento de Carolina com o francês Hércules Florence, em 1854. Hércules era um homem inteligente, culto e de mente aberta. Participou da Expedição do Barão de Langsdorff, do rio Tietê ao Amazonas, entre 1825 e 1829, escreveu um livro sobre a viagem e desenhou inúmeros aspectos da floresta amazônica. Além disso, inventou a fotografia, ao mesmo tempo que os franceses. O relacionamento entre os dois era muito diferente do que havia entre os casais na sociedade patriarcal da época, na qual o marido era praticamente o dono da mulher. "Eles tinham uma relação de companheirismo", explica Arilda. "Ele ajudava a administrar o colégio e dava aulas de desenho." Como Hércules, havia no Colégio Florence muitos outros professores homens, o que não era

comum na época em escola para mulheres. Entre eles, destacavam-se os republicanos Rangel Pestana, fundador do jornal *A Província de São Paulo*, hoje *O Estado de S. Paulo*, e Júlio Ribeiro, autor do livro *A carne*.

Todos esses fatores contribuíram para que o Colégio Florence se tornasse um dos melhores e mais bem-sucedidos da época. Muitas de suas alunas se destacaram e, como alguns professores, fundaram seus próprios colégios, espalhando os métodos empregados por Carolina. Um caso singular foi o da aluna Maria Monteiro, que cantava no coral do colégio. Sua voz de contralto impressionou D. Pedro II, numa das visitas do imperador à escola. Por isso, o soberano resolveu convidá-la a estudar na Itália, com as despesas pagas por ele. "Ela foi e fez muito sucesso", informa Arilda. "Hoje é nome de rua em Campinas."

(E.S.)

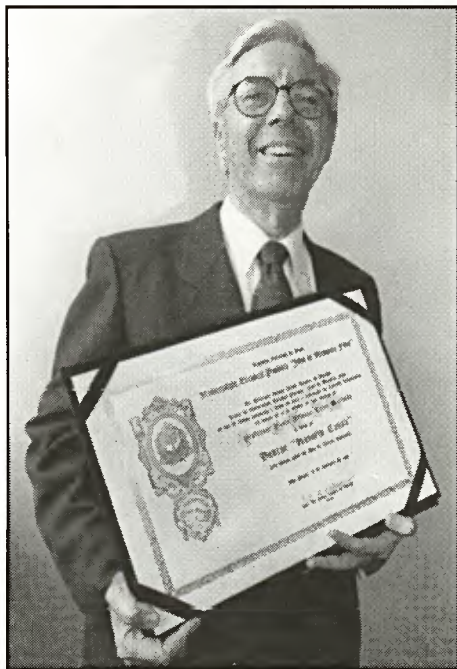
HOMENAGEM

Em defesa do ambiente

Advogado recebe o título de doutor *honoris causa*

O advogado Paulo Affonso Leme Machado, professor do Departamento de Ecologia do Instituto de Biociências (IB), câmpus de Rio Claro, é considerado uma referência nacional e internacional em assuntos sobre Direito Ambiental. No último dia 12 de dezembro, ele recebeu das mãos do então reitor Arthur Roquete de Macedo o título de doutor *honoris causa*, pelos serviços prestados à Universidade, onde atua desde 1980 como docente e pesquisador. Machado, 58 anos, natural de São José do Rio Pardo (SP), formou-se em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, fez mestrado em Direito Ambiental e Ordenamento de Território na Universidade de Strasbourg (França) e foi promotor de justiça por 27 anos, aposentando-se em 1989. Em 1991, recebeu o título de cidadão honorário de Piracicaba, outorgado pela Câmara Municipal daquela cidade.

Emocionado durante a cerimônia, Machado estendeu o valor da homenagem à sua área.



Monica Richier

ECOLOGIA

Machado, de Rio Claro: referência nacional e internacional na área

“Esta lembrança é importante também para os estudos ambientais, cujo interesse por parte dos alunos cresce a cada ano”, comentou o especialista, lembrando o pioneirismo da faculdade, que em 1980 criou o primeiro curso de Direito Ambiental do País. “É mais um passo para que a disciplina também seja oferecida em níveis de mestrado e doutorado e se solidifique definitivamente no Brasil, onde já existe uma aceitação muito grande”, emendou.

CURRÍCULO NOTÁVEL

A indicação do título a Machado foi respaldada por um currículo notável. O especialista tem 60 artigos publicados, co-autoria em 32 livros, 376 conferências apresentadas no Brasil e no Exterior e 11 cursos de especialização. Atuou ainda como consultor sobre o

assunto em diversas entidades nacionais e internacionais, incluindo a Organização das Nações Unidas (ONU). Também assina a publicação de três livros: *Ação Civil Pública — Tombamento* (Revista dos Tribunais, 132 págs.), *Estudos de Direito Ambiental* (Malheiros, 167 págs.) e *Direito Ambiental* (Malheiros, 696 págs.), este último considerado o mais importante deles, já na sexta edição. Em 1986, recebeu o prêmio Elizabeth Haub de Direito Ambiental, concedido pela Universidade de Bruxelas (Bélgica) e pelo Conselho Internacional de Direito Ambiental, com sede em Bonn (Alemanha).

Incansável, o advogado agora briga para ver estruturado e institucionalizado no IB de Rio Claro um antigo sonho, o Centro de Documentação de Direito Ambiental. “Seria um pólo multiplicador da disciplina no País”, afirmou. Com o objetivo de que sua realização saia mais rapidamente do projeto, ele compromete-se a doar uma vasta documentação a respeito para a futura instituição.

ARQUEOLOGIA

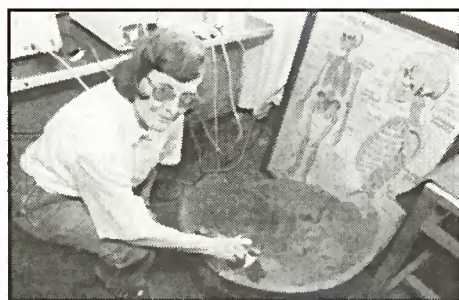
Encontrada urna de mil anos

Artefato indígena continha enfeites e ossada humana

Pesquisadores e técnicos dos laboratórios de Estudos Arqueológicos e de Estudos Antropológicos, da Faculdade de Ciências e Tecnologia do câmpus de Presidente Prudente, estão estudando uma urna funerária indígena encontrada, em meados de novembro do ano passado, por um agricultor, no Km 18 da Rodovia Maioline, a cerca de 25 quilômetros do centro da cidade. O artefato, de cerâmica, tem 1,40 m de altura e 80 cm de largura. “Dentro havia a ossada de uma pessoa, vasilhas de cerâmica e um enfeite labial, em forma de ‘T’, feito de pedra polida, chamado de tambetá”, revela a antropóloga Ruth Künzli, sub-chefe do Departamento de Planejamento da FCT. “Esses índios,

de tradição guarani, enterravam seus mortos junto com enfeites e vasilhas, para que eles se alimentassem numa outra vida.”

Por ser um processo lento e caro, a datação da urna ainda não foi concluída. “Esse trabalho será feito, provavelmente, na USP ou em uma universidade estrangeira”, conta Ruth. Mas os pesquisadores calculam que a urna deva ter cerca de 1.000 anos. “Para chegar a esse número, nos baseamos em uma outra urna, encontrada em um sítio arqueológico próximo, na localidade de Itororó, no município de Pirapozinho, que já teve os estudos de datação realizados”, explica Leonice Bigone Perozzi, técnica do Laboratório de Estudos Arqueológicos. “Eles revelaram uma



Helcio Toli

ACHADO

Ruth Künzli e a urna: enfeites e vasilhas para a alimentação em outra vida

idade de 970 anos, com margem de erro, para mais ou para menos, de 30 anos.”

Essas duas urnas não foram as únicas encontradas na região, no extremo Oeste do Estado. Segundo Leonice, já foram localizados cerca de 50 sítios arqueológicos, dos quais apenas quatro foram datados. “Isso mostra a dificuldade em realizar esses exames”, diz. Apesar disso, os pesquisadores já chegaram a algumas conclusões. “Esses povos eram lavradores, caçadores e coletores semi-sedentários”, explica Ruth. “Viviam em aldeias, algumas delas bastante grandes, com mais de 200 metros quadrados, que abrigavam cerca de uma centena de pessoas.”

LITERATURA

A Itália, em verso e prosa

Na poesia de Montale, nos contos de Tabucchi

País que presenteou os amantes da literatura com alguns dos momentos mais sublimes da poesia e da prosa, berço de autores como Dante e Leopardi, Moravia e Ungaretti, a Itália é o centro das atenções da revista *La Ricerca* (A Pesquisa), publicação bilingüe editada pelo Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Araraquara. As 140 páginas da edição de número 11,



o título único de *Tabucchiana* e precedidos pelo ensaio *La Narrativa di Antonio Tabucchi*.

Quem quiser conhecer os versos de Montale terá que esperar pela boa vontade dos editores brasileiros, que mantêm desabastecidas as prateleiras das nossas livrarias, ou iniciar-se no idioma de Dante. Melhor sorte terá quem procurar pelos livros de Tabucchi. Há, dele, nas livrarias, duas obras: *Afirma Pereira* (R\$ 17,50) e *Os três últimos dias de Fernando Pessoa* (R\$ 13,50), ambos da Editora Rocco.

Para conseguir *La Ricerca*, que tem periodicidade semestral e é gratuita, basta escrever para Faculdade de Ciências e Letras — UNESP, Rodovia Araraquara — Jaú, km 1. CEP 14800-901. O fax da redação, em São Paulo, é (011) 578-8466.

recém-lançada, são dedicadas a dois autores contemporâneos. Para comemorar os 100 anos de nascimento de Eugenio Montale (1896-1996), prêmio Nobel de 1975, a revista enfileira cinco ensaios sobre o poeta genovês. De quebra, traz cinco deliciosos contos de Antonio Tabucchi, enfeitados sob

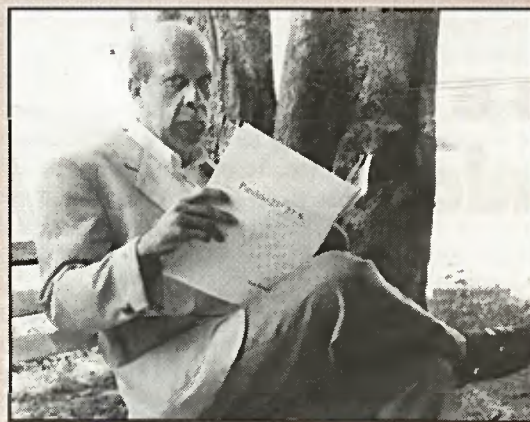
PRÊMIO

Jornalista vence concurso

A Rádio França Internacional, espécie de agência de notícias radiofônica, promove há cinco anos o concurso literário Guimarães Rosa, para contos escritos em língua portuguesa. Em 1996, entre os três premiados, estava *Paralelo 23º 27'*, do jornalista Luiz Augusto Barbosa Nepomuceno, 44 anos, assessor de imprensa da Faculdade de Odontologia (FO) do câmpus de São José dos Campos. *Paralelo*, que rendeu a Nepomuceno um prêmio de 10 mil francos (cerca de R\$ 2.000,00),

Trópico de Capricórnio, localizado a 23 graus e 27 minutos. A narrativa faz parte de um livro de oito contos, ainda inédito. “Espero que o prêmio me dê um empurrãozinho e eu consiga publicar o livro”, comenta o jornalista.

Nepomuceno estreou na carreira em



Anderson Prado

CONTO

Nepomuceno: o melhor entre mil escritores

conta a história de um grupo de mendigos que se forma em Caraguatatuba, caminha até a cidade do Rio de Janeiro e depois retorna à Grande São Paulo, estabelecendo-se em Guarulhos, próximo ao

1976, na rádio Jovem Pan, de São Paulo, e já passou pela Rádio UNESP, de Bauru. Além de trabalhar na FO, atua em jornais da área de saúde da região do Vale do Paraíba. Tem um livro de contos publicado e um romance, em fase de finalização. Além de 967 autores do Brasil, o concurso contou com a participação de 91 outros escritores de 21 países. Do júri fizeram parte personalidades residentes na França e no Brasil.



POSSE

Novos diretores assumem em Bauru

Prioridade para instalações e incentivo às pesquisas

A Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação do câmpus de Bauru tem nova direção. No último dia 25 de novembro, em cerimônia realizada no anfiteatro do câmpus, os docentes Cleide Santos Costa Biancardi e Sylvio Guilherme de Mello foram empossados como diretora e vice-diretor da unidade, respectivamente, em substituição aos professores Ivan Aparecido Manoel e José Carlos Plácido da Silva.

A principal proposta da nova gestão é ampliar as instalações da unidade e comprar novos equipamentos para incrementar as atividades dos cursos de Arquitetura

e Urbanismo, Comunicação Social, Desenho Industrial e Educação Artística. "Pre-tendo dar mínimas condições materiais de trabalho para que alunos e docentes possam cumprir bem o seu papel", ressalta Cleide. "A Reitoria precisa investir na FAAC, que tem o menor orçamento do câmpus de Bauru e, inversamente, abriga o maior número de alunos", reclama. A diretora pretende também incentivar o desenvolvimento de pesquisas, ampliar o número de doutores e de publicações na unidade. "Temos bons profissionais na área de editoração, que podem lançar no mercado trabalhos interessantes."

Divulgação



CRESCIMENTO
Cleide e Sylvio, novos dirigentes da FAAC: condições materiais de trabalho

3 x 4

Cleide Santos Costa Biancardi, 54 anos, nasceu em Pirajuí, Interior do Estado. Em 1971, formou-se em Desenho e Educação Artística pela antiga Fundação Educacional de Bauru, encampada em 1988 pela UNESP. Em 1981 e 1988 realizou mestrado e doutorado na USP, na área de História da Arte Brasileira. Em 1990, viajou para Portugal, onde cursou pós-doutorado em Arte Barroca Luso-Brasileira. Entre 1981 e 1984 ocupou o cargo de vice-diretora da FAAC e, entre 1991 e 1995, chefiou o Departamento de Desenho Industrial. É vice-presidente do Conselho Curador da Unesp.



Monica Richter

PARCERIA
Galliano, da Banespa Administradora de Cartões: nível cultural

Instituições afins

Depois da USP, da Unicamp e da Federal Fluminense, é a vez da UNESP ter o seu cartão de afinidade Banespa Visa. O acordo, assinado no último dia 19 de dezembro, na reitoria, dará à Universidade uma porcentagem da anuidade paga pelos clientes que optarem por este novo cartão de crédito. "É uma parceria interessante também para nós, pois a comunidade da UNESP tem um alto nível cultural e é importante formadora de opinião", comentou, na oca-

sião, Jerônimo Alfredo Molas Galliano, presidente da Banespa Administradora de Cartões de Crédito e Serviços. Segundo Elisabete Vaz Gago Prata, supervisora dos cartões de afinidade Banespa Visa, os cartões devem estar na praça a partir de março. "Poderão preencher as propostas pessoas ligadas à Universidade com idade mínima de 21 anos e renda mínima de R\$ 1.000,00". O titular pagará uma anuidade de R\$ 60,00. Cada cartão adicional custará R\$ 30,00.

Vozes natalinas

Dois corais da UNESP, o do Instituto de Biociências (IB) do câmpus de Rio Claro e o da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) do câmpus de Araraquara, formados por professores, alunos e funcionários, se uniram às crianças do coral da Escola Estadual de 1º Grau Fúlvio Morgante, da cidade de Ibaté, e fizeram uma apresentação na Catedral da Sé, em São Paulo.

O evento aconteceu no dia 23 de dezembro, às 13h, após missa especial. Durante 25 minutos, 70 vozes interpretaram canções natalinas, religiosas e populares, de compositores como Milton Nascimento e Erasmo Carlos. O coral foi regido pelo tenor Daniel Amato. "Aproveitamos o espírito de Natal para divulgar nosso trabalho", comentou Amato.



Amato e o Coral, na Catedral da Sé: 70 vozes

ARAÇATUBA

. 7/2. Último dia de inscrição para o curso de especialização em **Dentística Restauradora**. Com duração de um ano, é dirigido a cirurgiões-dentistas. A seleção será no dia 14 de fevereiro. Às segundas-feiras, das 8h às 18h. Na Faculdade de Odontologia (FO). Informações (018) 624-5555, ramais 251 e 253.

. 24/2. Curso de extensão universitária em **Dentística Restauradora**. Com duração de dez meses, é dirigido a cirurgiões-dentistas. Aos sábados, das 8h às 18h. Na FO. Informações (018) 624-5555, ramais 251 e 253.

. 7/2. Curso de especialização em **Endodontia**. Com duração de um ano, é dirigido a cirurgiões-dentistas. A seleção será no dia 7 de fevereiro. Às segundas-feiras, das 8h às 18h. Na FO. Informações (018) 624-5555, ramais 251 e 253.

. 24/2. Data de inscrição para o curso de extensão universitária em **Endodontia**. Com início em março, terá duração de dez meses. É dirigido a cirurgiões-dentistas. Às segundas-feiras, das 8h às 18h. Na FO. Informações (018) 624-5555, ramais 251 e 253.

AGENDA

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS

PELAS UNIDADES NO MÊS DE FEVEREIRO

BAURU

. 3 a 7/2. **Qualidade nas Relações de Trabalho**. Curso ministrado por docentes do Senai de Bauru, será realizado no Colégio Técnico Industrial Prof. Isaac Portal Roldán. Haverá três turmas: das 8h às 11h, das 14h às 17h e das 19h às 22h. Informações (014) 230-0161.

BOTUCATU

. 3 a 7/2. **Introdução às Teorias do Caos e dos Fractais**. No programa do curso, conceitos e paradigmas dos fractais, o conceito de atrator, imagens do caos e o princípio do aumento da ordem, entre outros temas. Das 9h às 17h. No anfiteatro do Instituto

de Biociências (IB). Informações (014) 821-2121, ramal 2254.

. 28/2. Prazo final de inscrição para o V Curso Prático de **Reprodução Equina**. O evento, prático e intensivo, acontecerá entre 3 e 7 de março e objetiva o treinamento em fisiopatologia da reprodução e biotecnologia de sêmen e embriões de equinos. Na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ). Informações pelo tel. (014) 821-2121, ramais 2249 e 2326.

ILHA SOLTEIRA

. O Departamento de Engenharia Elétrica da Faculdade de Engenharia (FE) está programando uma série de cursos de atualização para 1997. Em fevereiro, deverão acon-

tecer **Eletrônica Básica** (17 a 28); **Comando e Proteção em Baixa Tensão I** (24 a 28); e **Transformadores** (24 a 28). Os cursos serão ministrados por engenheiros e técnicos da CESP e professores da FE. Informações (018) 762-2125.

MARÍLIA

. Já estão abertas as inscrições para o **II Simpósio Científico do Câmpus de Marília**. O evento abordará temas como Educação, formação de recursos humanos, relação corpo-mente, globalização e cultura, questão agrária e formação do professor. Haverá conferências, mesas-redondas e apresentação de trabalhos, os quais deverão ser enviados até o dia 7 de março para apreciação da comissão organi-

zadora do evento. Na Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC). Informações (014) 433-1844, ramais 195 e 177, no Núcleo de apoio às Atividades Acadêmicas (NAC).

PRES. EPITÁCIO

. 1º/2. Último dia de inscrição para o **Curso de Música — Nível Universitário**. Promovido pelo Instituto de Artes (IA) de São Paulo, no câmpus avançado do Pontal do Paranapanema, em Presidente Epitácio. O programa de aulas visa basicamente trazer o aluno para a realidade da música e um direcionamento prático do conhecimento adquirido. De 1º de fevereiro a 13 de dezembro, aos sábados, das 8h às 12h. Informações (018) 281-2838.

RIO CLARO

. Já estão abertas as inscrições para o **VI Simpósio Paulista de Educação Física**. O tema central será "Avanços científicos e tecnológicos em Educação Física". Haverá conferências, mesas-redondas, temas livres, clínicas e cursos. Entre 30 de abril e 3 de maio. No Instituto de Biociências (IB). Informações (019) 534-0244, ramal 160.

De olho na expansão do mercado, traficantes viciam bóias-frias na mais destrutiva das drogas



Vicente Sampaio

CAMINHO DA ROÇA
Corte de cana: crack oferecido como fortificante aos bóias-frias

O crack chega ao campo

Que as cidades de porte médio do Interior do Estado vêm assumindo, nas duas últimas décadas, papel mais e mais importante na distribuição e consumo de drogas, não é mais novidade para ninguém. Sem esquemas adequados de prevenção e combate ao narcotráfico, vivem os mesmos problemas das grandes metrópoles. A mudança nesse quadro, infelizmente para pior, foi apresentada pelo *Jornal Nacional*, da Rede Globo, no dia 30 de outubro de 1996: "Médico acusa: o crack usado nos canaviais no Interior de São Paulo vem servindo para forçar os bóias-frias a trabalhar mais". A droga deixara a cidade e rumava em direção ao campo, em busca de novos mercados. A denúncia divulgada pelo noticiário foi feita pelo toxicologista Igor Vassilieff, supervisor do Centro de Assistência Toxicológica (Ceatox), unidade auxiliar do Instituto de Biociências (IB) do câmpus de Botucatu. É para lá que, nos últimos dois anos, bóias-frias da região têm sido enviados por familiares e delegados de polícia na tentativa de se recuperarem da dependência de crack, retomando a perspectiva de voltar ao trabalho e à vida normal.

De acordo com Vassilieff, o Ceatox já soma 74 casos de bóias-frias dependentes, em geral rapazes de 12 a 20 anos de idade. "Nenhum deles tinha conhecimento de que o crack era um entorpecente", lembra o médico. "A droga lhes era oferecida pelos traficantes como fortificante, capaz de melhorar a produção na roça, e eles, geralmente pouco instruídos, acreditavam nisso". Como, além de salário mínimo, os trabalhadores rurais costumam receber um adicional por produção, a aceitação é imediata. "Turbinados", sua produtividade aumenta no primeiro e segundo meses. A partir do terceiro mês, porém, o "motor começa a falhar" e os problemas surgem

rapidamente. "Além de sofrerem diversos danos à saúde, se afastam do trabalho e começam a roubar para manter o vício", lembra Vassilieff.

EUFORIA E ONIPOTÊNCIA

O crack é uma droga derivada da cocaína, por sua vez obtida a partir do tratamento químico das folhas da coca. É comercializado na forma de pequenas pedras. Seu preço, R\$ 5,00 por grama, é relativamente barato, facilitando o tráfico entre a população de baixa renda. Inalado ou fumado em cachimbos, é absorvido imediatamente pelos vasos sanguíneos. Estimula o cérebro, provocando euforia e sensação de onipotência — daí a facilidade com que o usuário se torna dependente. Esse prazer, porém, tem um preço. "O crack é uma das drogas mais destrutivas que existem, muito mais que, por exemplo, a cocaína", atesta Alaro Aparecido Almeida, farmacêutico bioquímico do Ceatox. "Dependendo do estado de

saúde, o usuário pode morrer na primeira experiência." Os bóias-frias que foram encaminhados ao Ceatox apresentavam fraqueza, perda de apetite e de peso, cansaço, dores musculares, taquicardia, hipertensão, dores de cabeça, irritabilidade, ansiedade, mania de perseguição, medo e até tendência ao suicídio.

De acordo com dados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Igarapu do Tietê, cidade próxima a Botucatu que registrou metade dos casos de bóias-frias viciados em crack, dos 10 mil cortadores de cana que trabalham na região, cerca de mil são considerados de baixa produtividade. São menores ou têm mais de 50 anos e cortam, no máximo, 7 toneladas de cana por dia. Adultos entre 20 e 30 anos conseguem cortar o dobro. "Um trabalhador com idade entre 12 e 15 anos, se cansa muito mais que um rapaz de 20", diz Vassilieff. "Então, ele se utiliza da droga para conter a fadiga e poder render mais."

TRATAMENTO GRATUITO

O tratamento dos viciados no Ceatox (veja texto abaixo) começa com a desintoxicação, por meio de medicação apropriada. Paralelamente, o paciente toma outros medicamentos, como vitaminas, algumas delas com o propósito específico de melhorar o quadro neurológico. Todo este trabalho, porém, não é feito apenas no local. Após os primeiros atendimentos, o centro encaminha os pacientes para clínicas de recuperação. A mais procurada é a Desafio Jovem, uma chácara de 10.000 m², também em Botucatu, especializada na recuperação de drogados e alcoólatras. Lá, são tratados, recebem assistência social, aprendem profissões, têm orientação religiosa — o local é mantido por representantes de diversas religiões — e só depois voltam para casa. "Avaliamos até mesmo as condições da família antes de liberar o jovem", explica o pastor Walter Reis, presidente e fundador do centro.

O tratamento na Desafio Jovem é gratuito e leva, no caso dos viciados em crack, cerca de três meses. No último dia 7 de janeiro, o jovem Édson P., 18 anos (veja depoimento), morador em Igarapu do Tietê, deixou a clínica. "Estou recuperado e com vontade de trabalhar", garantiu. "Os traficantes são muito espertos e eu fui inocente ao entrar no mundo das drogas." Enquanto o Ceatox cumpre sua função de diagnosticar, encaminhar o tratamento dos dependentes e, em alguns casos, denunciar, as autoridades têm identificado e prendido alguns dos traficantes que flocem crack aos bóias-frias. Os representantes dos sindicatos dos trabalhadores rurais, por sua vez, procuram orientar os colegas quanto aos efeitos maléficos do entorpecente e tentam levantar o envolvimento de empreiteiros e fazendeiros no problema.

Waltair Martão

Começar de novo

Depoimento de Édson P., 18 anos, ex-viciado em crack, recuperado pelo Ceatox

"Trabalho na roça desde os 13 anos. Em 1996, um desconhecido me ofereceu crack, dizendo que aquilo ia me deixar mais disposto. Topei na hora, porque quanto mais cana eu corto, mais ganho. Comecei fumando duas vezes por dia e conseguia render mais que de costume. Chegava a receber R\$ 120,00 por quinzena, um salário considerado bom. Só que, uns três meses depois, só conseguia pensar na droga e já nem conseguia trabalhar direito. Fiquei desempregado e

comecei a roubar. Invadia casas para levar televisão, aparelho de som, vídeo. Trocava tudo por crack. Estava alucinado. Sentia vontade até de matar outras pessoas. Depois de várias crises, fiquei com medo de morrer e pedi para minha mãe me levar à UNESP. Agora, três meses depois, estou recuperado, não sinto vontade de fumar mais nada. Fiquei até religioso. Quero me aproximar mais de minha família, voltar a trabalhar, guardar dinheiro e melhorar de vida."

Cidadão botucatuense

No final de novembro, o coração do médico Igor Vassilieff, supervisor do Ceatox, foi posto à prova. No dia 23, na Associação Atlética Botucatuense, Vassilieff recebeu o título de "Profissional do Ano", uma homenagem do Clube Logístico de Botucatu. Três dias depois, foi condecorado Cidadão Botucatuense, pela Câmara Municipal. Foram reconhecimentos pelo trabalho do médico e do Ceatox junto à comunidade local. "As homenagens foram muito emocionantes", comentou o médico.

Elevado à categoria de unidade auxiliar em 1993, o Ceatox é formado por uma equipe de especialistas em Medicina, Farmácia Bioquímica, Biologia e Psicologia. Seu trabalho consiste no combate à intoxicação por agrotóxicos, metais pesados e outras subs-



Helcio Toth

Vassilieff (à dir.) e equipe: serviço gratuito

tâncias, e no tratamento a toxicômanos. Funcionando em regime de plantão, atende gratuitamente a chamadas de particulares e de hospitais de toda a região de Botucatu. "Se não prestamos o atendimento aqui, damos orientação por telefone, ensinando as pessoas a proceder em quaisquer casos de intoxicação", explica Vassilieff. Entre 1989 e 1992, a análise de pescadores e consumidores de peixe na região das cidades de Igarapu e Barra Bonita, realizada pelo centro, diagnosticou uma alta contaminação por mercúrio nos peixes do rio Tietê. Ainda em 1992, o centro identificou uma alta concentração de mercúrio na safra de batatas daquele ano, condenando a produção em grande parte do Estado.

(W.M.)